

Comissão de Internacionalização da COMPÓS - Diretrizes
Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho (PPGCOM/USP)
Colaboração Prof. Dr. Maurício Lissovsky (PPGCOM/UFRJ)
São Paulo, 22 de novembro de 2012.

Aprovada no mérito, com alterações, em reunião do Conselho Geral da Compós realizada em 26 de abril de 2013.

Objeto de discussão

O entendimento da área da Comunicação sobre as ações de internacionalização no âmbito dos seus PPGs.

Objetivo

Identificar os sentidos das ações de internacionalização entre os PPGs da área de Comunicação, vislumbrando a elaboração de diretrizes que possam subsidiar a definição de patamares/níveis de complexidade de engajamento em processos dessa natureza no âmbito institucional dos PPGs em Comunicação do país, que sirvam como parâmetros para a nova composição do Documento de área 2013-2015, que norteará o campo da investigação comunicacional no contexto da área de CSA1, frente ao Sistema Nacional de Avaliação de Pós-Graduação da Capes.

Questões norteadoras

A partir de discussões de Lopes e Romancini (2012, p.35-46) podemos compreender a relevância estratégica do tema internacionalização no âmbito da pós-graduação brasileira e seus sentidos no contexto do Campo Comunicacional, em função das percepções dos PPGs da área.

O texto supracitado discute que a Capes em seu documento sobre o “Plano Nacional de Pós-Graduação - 2011 a 2020” (Gestão Capes do Prof. Dr. Jorge Guimarães) sinaliza a necessidade em âmbito brasileiro do crescimento da conformação de redes de pesquisa e pós-graduação que se estabeleçam em acordos de cooperação internacionais e de outras ações de internacionalização, dentro de uma perspectiva de avanços no sistema de Pós-graduação brasileiro, frente à possibilidade de uma paulatina melhor visibilidade e credibilidade da pesquisa nacional no cenário científico mundial. (GUIMARÃES, 2011).

Este horizonte fica dimensionado em termos reais às ações que compreendem: a) políticas públicas que favoreçam o maior envio de estudantes de pós-graduação ao estrangeiro para fazer PhD, tendo em vista intercâmbios científicos e, sobretudo, aproximação com as novas descobertas científicas que podem ser trazidas para o país; b) Estímulos à atração de estudantes estrangeiros e de pesquisadores visitantes estrangeiros para o Brasil; c) apoio institucional à produção científica cooperada em âmbito internacional como forma de qualificar e estimular a participação em produções científicas de relevância supranacional; e d) o estímulo à publicação científica estrangeira qualificada. (GUIMARÃES, 2011, P.38).

No que se refere à área de Comunicação os documentos citados tornam-se fundamentais para a discussão deste tema. Mas também acrescentamos a este cenário norteador as percepções da Compós, em publicação de 2010, que motivada pelas diretrizes do “Plano Nacional de Pós-graduação”, recomendou cinco pontos específicos sobre este assunto, a saber: 1) estímulo à manutenção ampliação dos programas bilaterais de cooperação internacional regulares que as agências de fomento já mantêm; 2) ampliação das parcerias universitárias binacionais de modo a favorecer os intercâmbios de docentes e estudantes. Como acontece nos convênios institucionais entre IES do Brasil e do

exterior; 3) diversificação dos países com quem o Brasil mantém relações diplomáticas, relações científicas e culturais, mas que ainda não são objeto de acordos bilaterais, multilaterais e que não se manifestam em editais de programas de cooperação internacional regulares; 4) criação de redes de cooperação internacional, por meio de protocolos de cooperação entre programas de pós-graduação brasileiros e universidades estrangeiras, com foco para efetivação de três grandes redes: Rede de cooperação entre Programas de Doutorado da América Latina; Rede de Cooperação com Programas da Comunidade Européia, sobretudo os países da Península Ibérica e a Rede de cooperação com Programas da América do Norte; 5) ampliação do apoio à realização de estágios de Pós-doutoramento no exterior, para permanente intercâmbio científico e fortalecimento das linhas de pesquisa nos âmbitos dos PPGs nacionais, a partir do trabalho dos seus docentes como forma de garantir a qualificação permanente do quadro docente no contexto da pós-graduação brasileira.

Uma vez manifestadas as questões principais que envolvem as dimensões da internacionalização, resgatamos novamente o texto de Lopes e Romancini (2012) que, além de trazer um panorama da pós-graduação brasileira em comunicação, com vistas ao intercâmbio de informações que foram discutidas no *I Confibercom* (realizado na ECA/USP, São Paulo em 2011, durante o *I Fórum de Pós-graduação Ibero-americano*), trouxe também um levantamento entre os PPGCOMs nacionais que faz um diagnóstico referente às práticas de internacionalização dos PPGs da área. Neste momento serão resgatados no item a seguir os resultados do levantamento mencionado.

Os sentidos da internacionalização entre os PPGs da área de Comunicação

Em 2011 foram distribuídos entre os coordenadores de PPGCOMs do Brasil questionários que investigavam dimensões da internacionalização, a saber: como os programas praticam e como percebem e avaliam os desafios associados a essa temática. O questionário foi respondido por 70% dos programas a época credenciados e que totalizaram 28 respostas, incluindo quase todos os programas que oferecem doutorado, pois desses 28, 13 cursos de doutorado dos 15 totais, devolveram o instrumento preenchido (LOPES e ROMANCINI, 2012, p. 37).

Tal constatação, apesar do novo panorama de 2012 com novos cursos de mestrado e doutorado, que totalizam 43 ME e 20 ME/DO, ainda permitem afirmar que o estudo citado, realizado em 2011, é relevante para a percepção dos significados da internacionalização da área.

Entre os principais resultados do trabalho descrito, percebemos que:

60% dos PPGs ou a IES a que tais programas se filiam possuem uma comissão voltada à cooperação internacional para tratar de intercâmbios interinstitucionais e mobilidade de docentes e discentes;

Quase 54% dos PPGs possuem política de recepção de alunos estrangeiros. Esse número aumenta entre os PPGs que oferecem doutorado, quase 70% dos PPGs respondentes. As políticas atraem alunos da América Latina, seguidos na ordem crescente de menção por discentes da Europa, de países africanos, sobretudo os de cultura lusófona, e dos Estados Unidos.

64% dos PPGs (18 programas) manifestam uma preocupação em atrair pesquisadores estrangeiros, afirmando possuem políticas para tal ação. Os PPGs com doutorado são mais ativos neste aspecto. Os professores visitantes são, em sua maior parte, da Europa seguidos por docentes latino-americanos e dos Estados Unidos.

76% das respostas dos PPGs que possuem nível de doutorado afirmam que a minoria entre os doutorandos fazem estágio no exterior com bolsa-sanduiche. Apenas um programa informou que 50% de seus doutorandos realizam esse tipo de estágio.

Um pouco mais de 78% dos PPGs realizam convênios internacionais com IES estrangeiras (22 Programas). O significativo é que todos os programas que possuem doutorado se beneficiam desses convênios para intercâmbios científicos, estágios de pós-doutorado, doutorados com bolsa-sanduiche, realização de cursos e publicações internacionais. Esses convênios são, sobretudo, com países da Europa, Estados Unidos e América Latina.

38,5% dos PPGs (10 programas) afirmam que a maioria de seus docentes apresentam trabalhos em eventos internacionais. Contudo, o que se verifica com maior frequência de resposta, em 42% dos programas é que cerca da metade dos seus docentes participam de eventos internacionais com apresentação de trabalho. Não houve registro de programas que dissessem que nenhum docente participa de eventos internacionais com apresentação de trabalho. Esses eventos em geral são na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos e três menções ao Canadá.

Mais de 60% dos Programas afirmam que a minoria de seus docentes possui estágio de pós-doutorado no exterior. Apenas 10% dos Programas afirmam que a maioria de seus docentes já realizou algum estágio de pós-doutorado em IES estrangeiras, todos eles programas que possuem doutorado. Esses pós-doutorados em geral são na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos e com três menções ao Canadá.

Quase 86% dos programas afirmam que a minoria deles manifesta a presença de pesquisadores estrangeiros no corpo dos seus projetos de pesquisas e quando essa colaboração acontece é dada por pesquisadores da Europa, da América Latina e, mais raramente dos Estados Unidos.

Aproximadamente 57% dos PPGs indicam que a minoria dos seus docentes publicam em revistas estrangeiras, porém nos programas que oferecem doutorado, a resposta mais frequente foi “cerca da metade dos docentes”, 53% das respostas está entre os PPGs com doutorado.

16 programas afirmam que a “minoria de seus docentes” participa de conselhos editoriais de revistas internacionais. Todavia, os PPGs com doutorado afirmam ter um percentual maior de seus docentes atuando em tais conselhos editoriais.

A minoria dos docentes dos PPGs oferecem pareceres para revistas internacionais.

Tem-se o registro de 24 menções de publicações na Europa, 20 menções na América Latina, 8 menções nos Estados Unidos e duas no Canadá. E as participações em conselhos editoriais de revistas científica registram 14 menções América Latina, 12 da Europa, 7 dos Estados Unidos, dois do Canadá. E os pareceres registram menções de revistas latino-americanas (13), Europa (11), Estados Unidos (04), do Canadá (02) e da Austrália (01).

Dados obtidos em (LOPES e ROMANCINI, 2012, p. 37-40).

As conclusões do estudo revelam uma internacionalização em um nível mediano na área, que se manifesta em termos mais receptivo do que ativo. Isto é, recebemos mais do que vamos ao estrangeiro. O contexto europeu é privilegiado no cenário brasileiro e nossa força internacional em termos de publicações se dá com a Europa e América Latina e esta última manifesta uma maior presença e reconhecimento dos pesquisadores brasileiros na presença de conselhos editoriais e para emissão pareceres das revistas latino-americanas.

Entre as dificuldades mencionadas pelos PPGs para uma expansão dos processos de internacionalização destacam-se:

Ausência de projetos a médio longo prazo; divulgação insuficiente do PPG/IES no Exterior; baixa familiaridade com as formas de apoio das agências; baixa qualificação do corpo administrativo das IES para tratar das questões que envolvem o tema; entraves burocráticos entre IES e /ou PPG; processos seletivos dificultam a seleção de candidatos estrangeiros em IES privadas; baixo interesse por parte dos docentes pesquisadores; domínio insuficiente ou falta de hábito no uso de línguas estrangeiras; ausências de normas ou marcos legais para tratar de cooperação internacional; localização geográfica do PPG; natureza de pesquisas de interesse mais local do que internacional, bem como das linhas de pesquisa do PPG; ausência de acervo e biblioteca com literatura significativa internacional; baixo interesse dos discentes; conflitos de calendários nacionais e internacionais; identificação de ambientes de pesquisa que favoreçam a integração internacional com as linhas dos PPGs; programas Jovens e baixa avaliação dos PPGs prejudicam a internacionalização e obtenção de recursos junto às agências; IES privadas que possuem dificuldades para participar de editais públicos. (LOPES e ROMANCINI, 2012, p. 41).

Diretrizes para os sentidos da internacionalização na área de Comunicação

A partir do diagnóstico apresentado podemos pensar em algumas dimensões e diretrizes para o processo de internacionalização da área de Comunicação, a saber:

As ações de internacionalização apresentam um grande potencial de crescimento e que deve ser mensurado em escalas distintas entre os cursos de mestrado e doutorado. Estas ações ficariam na classificação entre ações receptivas e ativas.

Ações receptivas:

Professores visitantes estrangeiros que ministram cursos seminários a partir da carga horária superior a 12h de atividades;

Professores convidados para palestras e seminários nos âmbitos dos PPGs com carga horária inferior a 12h;

Realização de eventos com a presença de pesquisadores estrangeiros organizados por associações e entidades da área;

Realização de eventos com a presença de pesquisadores estrangeiros partilhados entre programas, por meio de ações cooperadas ou mediada por associações da área em âmbito nacional, regional e internacional. Isto é, organizações em *pool* de programas para trazer professores/pesquisadores estrangeiros;

Presença de pesquisadores estrangeiros nos eventos científicos promovidos pelas entidades e programas da área.

Projetos de pesquisa que recebem ou possuem pesquisadores estrangeiros, no âmbito dos grupos de pesquisa, com e sem financiamento institucional (atribuindo-se pesos distintos para projetos com e sem financiamento, sobretudo dando um peso maior para editais regulares de cooperação internacional);

Presença de pesquisadores estrangeiros em projetos de pesquisa com financiamento por agências em âmbito Nacional;

Presença de pesquisadores estrangeiros em grupo de pesquisa cadastrado no CNPq ;

Presença de pesquisadores estrangeiros no corpo editorial dos periódicos científicos dos programas;

Presença de pareceristas estrangeiros no corpo de avaliadores de artigos das revistas dos programas;

Recepção de discentes estrangeiros no âmbito do PPG com matrícula regular;
Recepção de discentes estrangeiros no âmbito do PPG para estágio, bolsa sanduíche, com duração mínima de 4 meses.

Ações ativas:

Pós-doutoramento de docentes dos PPGs em IES estrangeiras a partir de 6 meses;
Estágios de professor visitante em IES estrangeiras com duração superior a 15 dias (logicamente com pesos distintos em relação as estadias de maior durabilidade);
Participação de docentes dos PPGs em projetos de pesquisa de PPGs em IES no Exterior com ou sem financiamentos (com pesos distintos para os projetos financiados por editais regulares de cooperação internacional em detrimento de projetos que não possuem este tipo de financiamento);

Observação: Os professores que saem para pós-dotuorado e estágios no exterior devem se esforçar para costurar projetos de pesquisa conjuntos com a instituição estrangeira após o retorno. Projetos formais, aptos a captar recursos tanto no exterior como no Brasil.

Estágios de discentes do PPG no exterior, bolsa sanduíche, com duração mínima de 4 meses;

Publicação de pesquisadores nacionais em anais completos de eventos internacionais, periódicos e livros editados no exterior;

Presença de pesquisadores em conselhos editoriais de revistas internacionais.

Observação: Se o pesquisador passa a fazer parte de em algum corpo editorial de revista estrangeira, propõe-se a editar um numero temático (como foco no Brasil e na América Latina, por exemplo).

Presença como avaliador de periódicos internacionais;

Presença e representação em entidades internacionais da área (com pesos distintos entre sócios e presidentes, coordenadores de GTs, entre outras representações);

Presença de alunos de mestrado e doutorado, sobretudo os de doutorado, para realização de estágios em IES do exterior;

Publicação de discentes no exterior.

Sugere-se que os tipos e percentual do corpo docente e discente ligados às ações receptivas e ativas de internacionalização em Programas de mestrado e doutorado devam propiciar a leitura e avaliação dos seguintes indicadores:

Além disso, podemos considerar outro aspecto quanto ao tema da internacionalização para se pensar: que se refere ao fato de que a internacionalização da área é diferente de internacionalização dos programas. Uma recomendação importante é para que haja uma orientação interdisciplinar na política de concessões de bolsas internacionais.

Com isso, pensamos ser possível a identificação dos primeiros elementos na direção de construção de instrumentos com diretrizes que possam materializar os sentidos da internacionalização frente ao Sistema Nacional de Avaliação da Capes, para área de Comunicação.

O trabalho desta comissão pode avançar no aperfeiçoamento destes indicadores visando a construção de critérios objetivos para avaliar os níveis de internacionalização, para a construção deste item no documento de área.

A recomendação do Conselho Geral da Compós é de que a Internacionalização seja implementada pelos cursos e avaliada pelas agências em termos de efetiva cooperação internacional, que se traduza na reciprocidade das ações realizadas. Além disso, deve

considerar fundamental os critérios de pluralidade e de diversidade na implementação e avaliação das ações de internacionalização.

Referências

GUIMARÃES, J. A. *Sobre o “Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020”*. In Reunião Anual Magna da Academia Brasileira de Ciências. 2011. Disponível em; <http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-558.pdf> Acesso em 07/jun.2012.

LOPES, M. I, V. e ROMANCINI, R. A Pós-Graduação no Brasil : crescimento associado aos desafios da qualidade e da inserção internacional. In LOPES, M.I.V. (coor). **Posgrado em Comunicación em Iberoamerica**. São Paulo: Confibercom/PPGCOM/USP. 2012. P. 13-47.

COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

Recomendações da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/Compós para o PNPG 2011-2020. Brasília. 2010. Disponível em http://www.compos.org.br /data/biblioteca_1561.pdf> Acesso em 07/junho de 2012.